

CONSUN DISCUTE NÚMERO MÍNIMO DE ALUNOS PARA O VESTIBULAR/2013

O quadro de vagas para o vestibular de verão/2013 e o número mínimo de alunos para o funcionamento de cursos foram os temas mais importantes da discussão do Conselho Universitário, Consun, ordinário do mês de setembro.

O reitor já havia informado à comunidade que, no Consad de 6/9, foram aprovados os limites de 30 alunos para cursos com dois turnos e 20 alunos para cursos de apenas um turno, sendo que o reitor, que encaminhou a proposta do Consun de 25 e 15 alunos, respectivamente, e foi voto vencido. Porém, em documento de 13/9, o reitor deliberou em caráter de *ad referendum* que a resolução do Consad valerá para os chamados cursos de alta procura, ficando estabelecido que os cursos de baixa procura funcionarão com um mínimo de 25 alunos, para dois turnos, e 15, para cursos de turno único.

A decisão agradou os conselheiros que elogiaram o reitor pela sua posição, mas ainda sobraram críticas para algumas posições tomadas no vestibular anterior. A diretora da Faculdade de Educação, professora Neide Nófis, lembrou o dano que causou à universidade o fechamento de turmas feito de maneira precoce, quando observou-se apenas a primeira chamada do vestibular sem se levar em conta outros mecanismos que

podiam aumentar o número de matriculados e viabilizar turmas que foram canceladas.

O quadro apresentado pela professora Ana Zillochi, coordenadora do Vestibular, previa uma redução de 125 vagas em relação ao vestibular de 2012. Porém, a relatora, professora Margarida Limena, propôs também a não abertura de uma turma de Ciências Contábeis, o que fez a diferença subir para 170 vagas, ou seja, para o próximo vestibular serão oferecidas 4755 vagas contra 4925 oferecidas em 2012.

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Outro assunto polêmico que tomou a maior parte da discussão do Consun foi sobre a implantação do chamado Núcleo de Inovação e Transferência Tecnológica (NITT), proposta encaminhada pelo vice-reitor Vico Mañas, através do programa PUC Inovação.

De acordo com o relatório apresentado pelo vice-reitor, a criação de uma política institucional de incentivo à inovação seria uma exigência do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação que, segundo Mañas, contribuiria de forma efetiva para a captação de recursos baseados na legislação vigente, mediante a estruturação de centros e laboratórios de pesquisa aplicada.

Porém, o relator do processo, professor Luiz Carlos de Campos, criticou o processo de criação do núcleo, fundamentalmente porque ele define competências que não caberiam ao NITT. Para o relator, a proposta ganhou uma abrangência indevida, envolvendo atividades e responsabilidades de várias unidades.

Os conselheiros, em sua maioria, encaminharam nesse sentido e, dessa maneira, votou-se pela elaboração de uma nova proposta que

seja exclusivamente para a construção de um núcleo de inovação e transferência tecnológica.

ESCOLHA DO REITOR

O anúncio do novo reitor, que deverá ser definido entre os três nomes enviados ao cardeal Dom Odilo Scherer, não foi feito no Consun. A expectativa é de que ainda nesta semana aconteça o anúncio, já que Dom Odilo viajará para a Europa nos próximos dias.

REUNIÃO DOS PROFESSORES

02/10

3ª feira

17h30 Sala da APROPUC

Tabelas salariais diferenciadas

Ato relembra 35 anos da invasão da polícia na PUC-SP

O encontro de diferentes gerações puquianas marcou o ato que relembrou os 35 anos da primeira invasão da Polícia Militar na PUC-SP, em 1977. O evento aconteceu na sexta-feira, 21/9 (um dia antes da fatídica data da invasão, 22 de setembro), e recebeu pessoas que passaram pela universidade desde a década de 70 do século passado, num cortejo lúdico e artístico que saiu do Pátio da Cruz em direção à Prainha.

"A intenção era lembrar as duas invasões da polícia [a outra se deu sob a gestão de Maura Véras, em 2007, há cinco anos] e o que elas representaram em cada contexto para a comunidade", informou o estudante Thiago Michelucci, o "Gigante" como é conhecido, um dos organizadores da atividade. Já segundo Daniel Baliu Fiamenghi, o "Flecha", outro estudante, foi importante proporcionar o encontro de gerações passadas com a geração que está hoje na PUC-SP, tendo em face os acontecimentos ditatoriais que representam a entrada da polícia na universidade.

Na primeira ocasião, em 1977, forças militares entraram na PUC-SP durante a realização do III Encontro Nacional de Estudantes, que pretendia reorganizar a UNE, mantida na ilegalidade pelo regime militar. Na segunda vez, a polícia interveio após ocupação por estudan-

tes da reitoria da PUC-SP.

Os participantes do ato, organizado por estudantes de diversos cursos, fizeram o enterro simbólico do então secretário de segurança do estado quando da invasão de 1977, Erasmo Dias, carregando e dançando em cima de seu caixão. Ao chegar à Prainha os presentes encontraram sobre suas cabeças quatro grandes coturnos, botas militares, pintados em jornais e pendurados na fachada do Prédio Novo. Na ocasião também houve projeção de vídeos, chuva de camisinhas e performances lúdicas antes do final do ato, sendo encerrado com uma festa.



Acima, a ilustração feita por estudantes, simbolizando a entrada dos agentes da repressão na universidade. Ao lado, o enterro lúdico do Coronel Erasmo Dias, quem liderou a invasão de 1977

FOTOS MARIP AQUINO E THIAGO MICHELUCCI

Consad debate implantação do vestibular social

A reunião do Conselho Superior de Administração (Consad), que ocorreu na quinta-feira, 27/9, voltou a discutir o início da prática do vestibular social na universidade. A pró-reitora de Graduação, professora Marina Feldmann, começou a discussão explicando que há mais de dois anos a PUC-SP vem estudando a possibilidade de implantação do vestibular social, que se fundamenta em cursos com baixa procura na PUC-SP, como Filosofia, Serviço Social, Enfermagem e Biologia.

O vestibular social visa reduzir as mensalidades dos cursos que acabam fechando

turmas por não atingirem número suficiente de matrículas após o processo seletivo promovido a cada seis meses para alguns cursos e anualmente para outros. Ano passado, segundo a professora, o estudo foi dividido em duas áreas, Educação e Saúde, para resultados mais específicos sobre os cursos que passam pela escassez de alunos. "Apesar da perda financeira, é necessário pesarmos a demanda de dinheiro e o caráter assistencialista da universidade", declarou a pró-reitora.

Além do vestibular social, a reunião tratou de outros assuntos administrativos

da universidade, como a discussão sobre horas extras não remuneradas praticadas por funcionários da pós-graduação, para preencher as informações do relatório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Dos 30 cursos da pós-graduação, apenas 21 tem seus relatórios preenchidos pelo setor de bolsas da universidade, e não pelos funcionários de cada departamento.

O reitor Dirceu de Mello, portanto, decidiu chamar uma reunião com os nove funcionários que estão há anos fazendo tais horas extras sem receber por isso.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira, 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua João Ramalho, 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br

PUCViva na Internet: www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto de Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtordt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.



Cultura Crítica número 14 discute o Hip-Hop

Começa a ser distribuída na próxima semana, no escaninho dos professores associados à entidade, a revista *Cultura Crítica* número 14, publicação da APROPUC que desta vez discute o universo do hip-hop.

A revista aborda o tema sob as mais diversas perspectivas culturais, reunindo estudiosos e músicos desse gênero que hoje faz parte da vida de inúmeras coletividades, como parte integrante da formação crítica dos seus cidadãos.

Na apresentação da revista o professor João Batista Teixeira da Silva, diretor da APROPUC e editor-geral da publicação, contextualiza o hip-hop, historiando a manifestação cultural a partir de seu nascimento nos subúrbios negros e latinos da cidade de New York. Segundo o professor, "os subúrbios no-vaioquinóis (marcadamente Bronx, Brooklyn e Harlem) - verdadeiros guetos na década de 1970 - passavam por um grande número de problemas relacionados à

infra-estrutura, pobreza, violência, racismo, tráfico de drogas, entre outros, e a rua era o único espaço encontrado para o lazer dos moradores. Entre seus habitantes havia um grande número de jamaicanos, que levavam em sua bagagem a cultura das festas de rua, geralmente animadas pelos *sound systems* - grandes carros de som semelhantes aos nossos trios elétricos - em que se mesclavam diferentes manifestações artísticas (...) Nesse contexto surgiu o hip-hop, a forma artística de os moradores dos guetos manifestarem seus problemas, suas dificuldades, suas necessidades enquanto classes discriminadas e oprimidas".

QUEM ESCREVE NA REVISTA

Entre os artigos da publicação estão "O hip-hop estadunidense e a tradução cultural brasileira", de Thifani Postali, professora da Uniso de Sorocaba; "A his-

tória do hip-hop: resistência da cultura negra no contexto neoliberal", do professor Rosenverck Estrela Santos, da Universidade Federal do Maranhão; "As vozes da África, o gueto forja a sua cultura", de Rafael Lopes de Sousa, professor da Unisa; "O Rap como narrativa", do professor Amarino Oliveira de Queiroz, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; "O hip-hop, uma fala contra-hegemônica", de Eduardo Granja Coutinho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mariana Araujo, mestrandia em Comunicação na UFRJ; "A Voz da periferia", por Thaís Martinez Arcari, formada em Letras pela PUC-SP; "Práticas e reflexões musicais dos rappers de Brasil e Portugal", de Angela Maria de Souza, docente da Universidade Federal de Integração Latino Americana; "O Movimento hip-hop e a formação da consciência crítica", de Claudimar Alves Duran professora da UFMA; "O hip-hop e as novas perspectivas de

mobilização Social", de Tatiana Galvão pós-graduanda em Jornalismo na UFPE; "Hip-hop, multiculturalismo e ideal de branqueamento", de William de Goes Ribeiro, professor da UERJ; "Uma análise da inscrição territorial do hip-hop no bairro de Monjolos, São Gonçalo, RJ", de Denilson Oliveira, professor adjunto da UERJ; "Breves considerações acerca do movimento hip-hop", de Glauco Bruce Rodrigues, professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro; e, por fim, "Contribuições para a montagem cinematográfica do rap", de Rodrigo Lages e Silva doutorando em Psicologia pela UFF e Luis Antonio Baptista dos Santos, professor da UFF.

A revista, que teve como editor-executivo Ricardo Melani, é ilustrada com fotos de Davi Francisco da Silva da série Grafites em São Paulo. O lançamento da revista acontecerá no dia 18/10, na sala 333, às 19h, com um debate entre os autores da publicação.

Com presença de liderança Guarani Kaiowá, debate denuncia etnocídio indígena

No dia 24/9, às 19h no Auditório 239 do Prédio Novo, o Comitê Internacional de Solidariedade ao Povo Guarani Kaiowá realizou um debate a fim de denunciar o genocídio em curso no estado do Mato Grosso do Sul dessa etnia e a dura realidade vivida pelos povos indígenas no Brasil hoje.

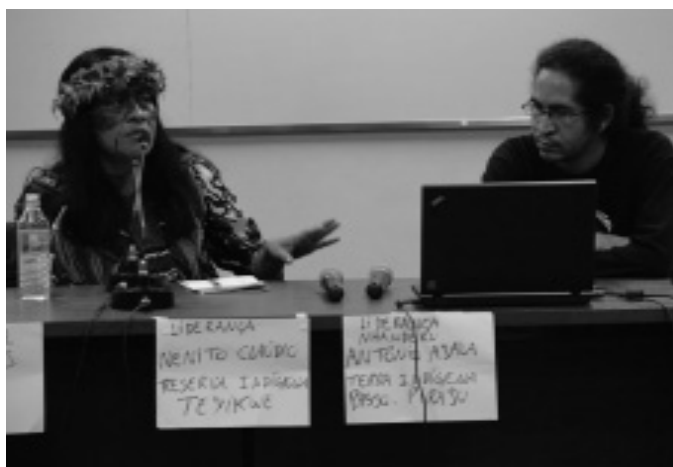
Composta pelo advogado Pedro Peruzzo, pela antropóloga Carmem Junqueira, pelo membro do Comitê Sassá Tupinambá e pela liderança Guarani Kaiowá Valdelice Veron, a mesa de debate foi ornamentada com placas em que foram escritos os nomes de diversos índios assassinados, simbolizando a constante ameaça sob a qual vivem as lideranças indígenas.

"Índio famoso é índio morto", falou emocionada Valdelice Veron, que viu seu pai ser assassinado em 2003, de forma brutal, e que já está marcada para

morrer pelos fazendeiros da região onde se situa o seu Tekoha (como é chamada a terra tradicional Guarani Kaiowá), no município de Dourados (MS). Segundo ela, apesar da situação litigiosa na região, os órgãos do poder públicos responsáveis não tomam nenhuma providência contundente para garantir a segurança e a vida do povo Guarani Kaiowá.

Veron também contou aos presentes como é o dia a dia das aldeias Guarani Kaiowá. Lembrou-se das dificuldades dos anos passados na beira da estrada, da decisão de retomar as terras que foram tiradas da sua tribo pelos latifundiários e da consequente guerra que se iniciou naquela região, "demarcando com sangue indígena as terras que lhe pertencem por tradição e memória, mas que não foram demarcadas oficialmente pelo STF".

Os empecilhos e trâ-



MARINA DAQUINO

Valdelice Veron, à esquerda, relata a situação de seus conterrâneos. À direita, Sassá Tupinambá, que mediou a mesa.

mites jurídicos, aliás, foi o tema principal da intervenção de Peruzzo, que trabalha há anos com direito indígena e questionou técnica e constitucionalmente a portaria 303 da Advocacia Geral da União, prorrogada por duas vezes, e a PEC 215, que transfere ao congresso nacional o direito de demarcação de terras indígenas. Segundo ele, é necessário se apropriar da convenção 169 da Organização Internacio-

nal do Trabalho e do artigo 231 da Constituição Federal para enfrentar estas medidas, que infringem direitos indígenas conquistados.

Junqueira, por sua vez, resgatou a história de opressão aos povos indígenas, principalmente durante a ditadura militar, para chegar a uma análise de como se constituiu ao longo dos tempos o desrespeito com os direitos dos povos originários do Brasil.

FALA COMUNIDADE

O uso da retórica em tempo de eleições

Jean Almeida do Vale

A retórica foi e ainda é um tema muito estudado, devido à importância que tem na política, no direito, na filosofia etc. É uma disciplina prática utilizada no discurso no intuito de persuadir um auditório. E nessa empreitada, o orador precisa discorrer bem sobre o assunto que vai abordar. Eis, então, a importância

do estudo da retórica, que intenciona compreender quais os métodos, sejam eles linguísticos, psicológicos ou filosóficos, que fazem do discurso o mais persuasivo possível.

Ora, a retórica é ferramenta imprescindível para quem objetiva convencer os demais sobre algo que lhe é provável. Porém, a retórica anda lado a lado com o direito, pois o discurso retórico não impõe juízo

algum a ninguém, e sim expõe argumentos lógicos na intenção de persuadir o auditório, sempre respeitando a liberdade de cada um.

Desde a antiguidade clássica, a retórica tinha extrema relevância nas relações sociais. Na Grécia Antiga, para o cidadão que exercia sua cidadania, era indispensável o uso dessa arte, pois as opiniões e as decisões eram tomadas em conclave populares, onde

prevaleciam as ideias de quem melhor persuadisse os demais.

Vale ressaltar que a retórica muito foi criticada no decorrer de sua história. Filósofos como Platão e Kant viam a retórica como prática de discursos enganosos, que não condizem com a verdade. Isso porque o discurso retórico, longe

continua na próxima página

continuação da
página anterior

FALA COMUNIDADE

PUC-SP e Graber, ou "quando a banana come o macaco"

Ramon Casas Vilarino

de querer expor verdades absolutas, age no campo do que é provável, do que é verossímil. Essa importante característica da retórica fez com que por muito tempo lhe atribuísem a alcunha de "a arte do engodo". No entanto, superado tal pensamento, visto à imprecisão de se chegar a total veracidade das coisas, nas relações humanas, a retórica mostrou que é realmente fundamental.

Passam-se os anos e a retórica foi se tornando cada vez mais importante aos Estados Democráticos de Direito. Nas sociedades em que a liberdade de expressão dos cidadãos é respeitada, e as decisões são feitas com o consentimento da maioria, sempre respeitando os direitos fundamentais do homem, a persuasão é vital. Mas não se encaixam formas de persuadir como a força ou o dinheiro. Sendo assim, a retórica é a melhor maneira de convencer respeitosa e licitamente os demais sobre questões que são de interesse geral.

É evidente que a retórica é instrumento essencial a quem busca expor suas ideias de forma a fazer com que os demais compactuem com elas, sem haver o desrespeito ao direito de cada um. Além do que, o discurso retórico tem como objetivo um consenso, e não a imposição indiscriminada de uma ideia. Portanto, não há dúvidas de que retórica é prática persuasiva que muito contribui no exercício da democracia, da cidadania, do direito, e por isso essencial é seu estudo.

Jean Almeida do Vale é aluno do 1º ano da Faculdade de Direito da PUC-SP e o artigo foi produzido a partir das aulas do professor Lafayette Pozzoli

Há sempre bons motivos para se refletir sobre a universidade. Terminada - mas não concluída até o momento em que escrevo este texto - mais uma eleição na PUC-SP, trago à tona uma pequena questão, porém, que me incomoda há algum tempo. Refiro-me a determinada função atribuída à empresa Graber. Não irei discorrer sobre a necessidade ou não de sua presença, nem a de abrir e fechar portas. Apenas isso.

Ano passado, numa atividade conjunta com outro professor - cujo nome omito para preservá-lo e porque escrevo em meu nome - em que juntamos duas salas de semestres e disciplinas diferentes, numa aula a quatro mãos, terminamos numa sexta-feira à noite essa enriquecedora experiência pouco depois das 23h. Quando saímos, Prédio Velho fechado, um funcionário da Graber nos advertiu, em outros termos, que a aula não se acabava naquele horário, por isso encontramos dificuldade para deixar o edifício. Ele só cumpria ordens. Disse-nos isso. Na semana anterior, no auditório Paulo VI, no complexo da Biblioteca Central, mas totalmente separado do acervo desta, às 21h55 um funcionário dessa empresa nos avisou que era necessário sairmos, pois a biblioteca estava fechando. Comunicado que estávamos em aula, e que esta se estenderia até 22h30, irritou-se, e só não nos colocou para fora porque advertimos que

a finalidade da instituição é a educação (docência, pesquisa e extensão), e tudo o mais, inclusive a Graber, deve apoiar essa atividade. Não é isso?

Pois bem, feita a reserva da sala 134-C para o dia 31 de agosto último, sexta-feira à noite, alunos e professor postados diante da porta e o funcionário da Graber - que, entendo, também é vítima na história - se nega a abrir, alegando não ter autorização para isso. Pergunta: devo fazer a reserva do espaço com a Graber, ou o responsável pela reserva avisa antes? Ou, ainda, não seria o caso da empresa em questão abrir a porta para um professor e seus alunos, e depois, se necessário, confirmar a reserva - que, de fato, havia sido feita? E se não houver reserva? O espaço fica vazio pela falta da mesma? O que é mais importante nesse caso: papéis e e-mails que comprovem a reserva ou o uso de um espaço da universidade para uma atividade fim, que é a acadêmica?

Semana passada, não obstante nova reserva do auditório Paulo VI ter sido feita, eu indicar a atividade que seria realizada e a central da Graber ter sido comunicada, precisei aguardar um funcionário dessa empresa confirmar com a central, o que não foi tão rápido. Depois, precisei chamar alguém do audiovisual para destrancar os aparelhos e eu conseguir exibir o DVD que tinha em mãos. Resultado: burocracia e perto de uma hora aguardando, prejudicando a atividade fim da instituição. Tenho os e-mails que foram encaminhados ao responsável pelo espaço

físico e à Graber, avisando sobre a atividade. Assim mesmo, me parece, o ideal para a segurança da universidade é que esses espaços não sejam utilizados. Nós atrapalhamos.

Antigamente se dizia para reclamar com o bispo; hoje, eu pergunto: como podemos melhorar a burocracia de segurança a fim de que os processos sejam mais bem executados? Comunico a Reitoria? No que se refere à ocupação e ao uso de determinados espaços, a Graber tem mais autoridade e respaldo que qualquer professor.

Escrevo preocupado com o futuro. Quando eu precisar novamente, acontecerá tudo de novo? Não ocorreu só uma vez. Liguei no telefone que me forneceram para contato em caso de necessidade. Liguei até as 9h e ninguém atendeu. À noite, liguei após as 19h e nada. Temos aqui um problema: a sala deve ficar fechada, preservando a segurança do local, ou abrimos e facilitamos o caminho do ensino e da educação?

Quando pergunto a alguém do audiovisual, me dizem não ser responsáveis. Cumprem ordens. Quando indago a algum funcionário da Graber, ouço a mesma coisa. De alguns, com rispidez, inclusive. Que tal experimentarmos viver com menos trancas? Este texto atende também esta necessidade: a quem de direito(a) encaminho esta mensagem? Ou a coloco numa garrafa?

Ramon Casas Vilarino é professor temporário do Departamento de Política da PUC-SP

GAUCHE NA VIDA

Uma esquerda equivocada

Márcia Camargos e
Aldo Cordeiro Sauda

Quando milicianos leais a Bashar Assad, sob o comando do exército sírio, invadiram o vilarejo de Houla, em 28/5, Muawiya Saayed mandou as mulheres e crianças refugiarem-se no vizinho.

Sua esposa ficou escondida entre as plantas do jardim. De lá, ouviu os gritos do marido e do filho mais velho sendo torturados e executados pelas forças de Bashar.

Na correria para fugir ficou para trás a caçula, de oito anos. Pouco depois, o corpo da pequena Sara viria somar-se a outros 107 computados, na aldeia, por observadores da ONU.

Quase tão chocante como episódios desta natureza tem sido a atitude de algumas figuras emblemáticas do continente sul-americano diante da situação.

No Brasil, parte significativa da esquerda, incluindo intelectuais, dirigentes de sindicatos e movimentos sociais, partidos e deputados comprometidos com a luta contra a violência de Estado, além de velhos combatentes da ditadura militar verde-amarela, apóiam um regime cuja brutalidade cresce de maneira assustadora.

Alegando que Bashar seria anti-imperialista e, portanto, preferível à "turma da Otan e seus asseclas regionais", eles fecham os olhos para um dos mais

atrozes crimes contra a humanidade do século 21.

Não há dúvida de que a revolução síria, iniciada de forma pacífica há 18 meses, tem acumulado contradições intrínsecas ao processo e exacerbadas divisões setárias entre alaúitas, sunitas e cristãos.

Mas, ao negar solidariedade aos oprimidos, essas esquerdas desprezam os princípios fundamentais

verno de Damasco não só praticou tortura terceirizada a mando da CIA, como possuía, até muito pouco tempo atrás, relações estreitíssimas com a referida agência.

Verdade seja dita, a amizade entre a Casa Branca e a família Assad vem de longe. O pai, de quem Bashar herdou o trono de presidente, prontamente integrou a coalizão liderada por Bush

praias da Síria, por onde circulam bilhões de dólares em máquinas de matar enviadas por Moscou.

Outros citam a presença de integrantes da Al Qaeda no confronto armado. Reproduzem, de maneira fiel, os argumentos utilizados por Washington na sua tentativa de desqualificar a resistência iraquiana.

E vão além. Ao apresentarem Bashar como herói antissionista, esquecem que sob seu governo as fronteiras do país foram as mais seguras para Israel, que tinha como líquida e certa a posse definitiva das Colinas de Golã.

Por sorte, enquanto setores da esquerda encenam um papel lamentável, o povo sírio prossegue com heroísmo na sua luta desigual.

Maria Camargos, pós-doutora em história pela USP, é jornalista e historiadora; **Aldo Cordeiro Sauda** é cientista político. O artigo acima pode ser encontrado em www1.folha.uol.com.br/opiniaio/1148533-tendenciasdebates-uma-esquerda-equivocada.shtml



No Brasil, parte significativa da esquerda, incluindo intelectuais, dirigentes de sindicatos e movimentos sociais, partidos e deputados comprometidos com a luta contra a violência de Estado, além de velhos combatentes da ditadura militar verde-amarela, apóiam um regime cuja brutalidade cresce de maneira assustadora.



da cartilha marxista. Pior: fazem coro aos inaceitáveis comentários vindos de Caracas, onde Hugo Chávez chamou Assad de "líder árabe socialista, humanista, irmão, com uma grande sensibilidade".

Ignorando o caráter de massas da oposição, o chefe bolivariano descreveu seu "companheiro" como vítima de um complô norte-americano para desalojá-lo do poder. Ora, nem a realpolitik absolve tais palavras.

A ideia de Assad como inimigo dos ianques não tem lastro histórico. Segundo documentos revelados pelo site WikiLeaks, o go-

pai, em 1992, para invadir o Iraque. Em 1976, quando a Síria ocupou o Líbano com o objetivo de derrotar o movimento nacional palestino, os Assad contaram com o respaldo direto de Washington e Tel Aviv. Não por acaso, os Estados Unidos se preocupam menos com a contingência de Assad possuir armas químicas do que com a possibilidade delas saírem de suas confiáveis mãos.

Buscando justificar o injustificável, sob a defesa de uma suposta soberania nacional, os ditos anti-imperialistas fingem não ver as bases militares russas nas

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Carlos Nelson Coutinho

O falecimento do renomado professor e intelectual brasileiro Carlos Nelson Coutinho ainda repercute nos movimentos sociais e no meio acadêmico brasileiro. Diversas manifestações de solidariedade à família e de respeito pela obra do autor vêm sendo divulgadas pela internet.

Um dos maiores conhecedores brasileiros da obra do revolucionário italiano Antonio Gramsci, Coutinho contribuiu para criação das bases teóricas do curso de Serviço Social e para reconceituação da profissão na década de 80. Por isso, aliás, recebeu homenagem da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa no Serviço Social (ABEPSS), que divulgou nota lembrando os méritos e feitos do docente.

O Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais, NEILS, e a *Revista Lutas Sociais* declararam em nota que Coutinho "sempre demonstrou imensa generosidade, paciência e dignidade para ouvir e responder a críticas corretas ou carentes de fundamento, justas



ou injustas, sem qualquer arrogância, desbravou e ensinou como poucos.". Já a professora Ivete Simionatto explicitou seu pesar em um texto que dizia que o professor nunca hesitou em defender radicalmente uma Universidade de formação humanista, pautada na "liberdade e na livre iniciativa, ao estilo gramsciano. As professoras do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-SP Raquel Raichelis Degenszajn e Maria Carmelita Yazbek lamentaram a perda do

amigo em carta à comunidade puquiiana, declarando que o professor foi exemplo tanto enquanto profissional quanto figura humana. A Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde Carlos Nelson lecionou até o fim de sua vida, agradeceu ao professor pelo seu brilhantismo, generosidade e bom humor. O amigo Carlos Montaña, pesquisador do NEILS, escreveu uma carta ressaltando a importância de Carlito, como costumavam chamar o professor.

Cordão da Mentira volta às ruas para lutar

Com o mote "As ruas são para lutar! E quem não luta, dança", o Cordão da Mentira está de volta. O movimento saiu pela segunda vez em passeata pelas ruas da capital no sábado, 29/9, levando à população a pergunta: "quando irá acabar o genocídio popular?".

A concentração da manifestação aconteceu às 11h em frente ao Memorial da Resistência, no Largo General Osório, na Luz. Do local em diante, os manifestantes percorreram as ruas da região central de São Paulo convocando os transeuntes para carnavalizar contra os assassinatos em massa nas periferias, contra os incêndios "acidentais" nas favelas e contra as políticas higienistas que fizeram da exceção a regra.

Os ensaios do Cordão da Mentira acontecem no Espaço Cultural Latino Americano, o ECLA, que fica na Rua da Abolição, no Bixiga.

Após fechar acordo, bancários voltam ao trabalho

A maior parte das agências bancárias públicas e privadas em greve no país voltou a funcionar normalmente na quinta-feira, 27/9, após acordo firmado entre Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf), filiado à CUT, e a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban). Somente a Caixa Econômica Federal continua paralisada, depois de negar em assembleia a proposta da Federação.

A decisão ocorreu após

a realização de assembleias pelas cinco regiões do país na quarta-feira, 26/9, onde as categorias deliberaram pelo fim da greve que se estendeu por nove dias e chegou a fechar até 9 mil das quase 22 mil agências existentes no Brasil, ou seja, 40% do contingente bancário.

A Fenaban elevou para 7,5% a proposta de reajuste dos salários dos trabalhadores, com aumento real de 2%. A proposta também prevê aumento de 8,5% no

piso salarial e no valor dos auxílios-refeição e alimentação, além de uma alta de 10% na parcela fixa da Participação nos Lucros e Resultados. A proposta anterior previa reajuste de 6% nos salários.

Os bancários reivindicavam reajuste de 10,25% nos salários (aumento real de 5%), piso salarial de R\$ 2.416,38, melhores condições de saúde e trabalho e mais segurança nas agências. Consta ainda nos termos de negociação que os dias de paralisação

não serão descontados da folha de pagamento salarial, mas devem ser repostos pelos funcionários até o dia 15/12, na ordem de duas horas de trabalho extra por dia, exceto sábados, domingo e feriados.

Em nota oficial divulgada pelo site, a Contraf afirma que, apesar do fim da greve na maioria dos bancos, está disposta a reabrir o processo de negociação com a Fenaban para atender as expectativas dos trabalhadores da Caixa Econômica Federal.

ROLA NA RAMPA

AFAPUC vence campeonato do SAAESP

O campeonato do Sindicato dos Auxiliares de Administração Escolar de São Paulo, SAAESP, realizado entre agosto e setembro, terminou no dia 23/9 com o time da AFAPUC campeão da série prata. Contra a equipe do Mackenzie o time da associação marcou cinco gols, contra apenas dois do adversário. Apesar do jogo acirrado, os funcionários administrativos da PUC-SP suportaram a pressão da grande final. O time da AFAPUC marcou dois gols logo no primeiro tempo, com Luciano e Bruno. No retorno da partida, o Mackenzie marcou seu primeiro gol, mas não abalou o time da PUC-SP, que marcou seu terceiro e quarto gols em sequência, com Rodrigo e Rafael, respectivamente. O



DAVID SANTOS

O esquadro da AFAPUC comemora mais um título

concorrente chegou a marcar o segundo gol, mas Edson finalizou o placar com o 5º gol da AFAPUC, dando "olé" no final do jogo. Além de Luciano,

Bruno, Rodrigo, Rafael e Edson, também compuseram a equipe vitoriosa Joel, Pedrinho, David, Zé Luis, Marcus Vinicius e Edmilson.

Assessoria de Imprensa da PUC-SP mais uma vez a melhor do Brasil

Assim como aconteceu em 2011, o Núcleo de Jornalismo e Assessoria de Imprensa (da Divisão de Comunicação Institucional, DCI), foi apontado como a melhor assessoria de imprensa brasileira na área de Educação. O prêmio, que é reconhecido por jornalistas de todo o país, este ano foi entregue apenas à PUC-SP (sendo que em 2011 as assessorias de imprensa da USP e da FGV também o receberam). A premiação ocorreu na noite de 18/9, em evento realizado em São Paulo.

Nu-Sol promove colóquio sobre biopolítica

O Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol) organiza, entre os dias 8 e 11/10, o Colóquio "Transformações da Biopolítica". Nos dias 8 e 9 haverá a aula-teatro "Saúde!", às 19h30, com o lançamento da edição 22 da revista *Verve*. Já no dia 10, às 15h, haverá exibição do documentário *Ecopolítica-Ecologia*, seguido de debate sobre populações e ambientes, às 17h, com André Duarte (UFPR), Astrid Ulloa (Universidade Nacional

da Colômbia), Beatriz Carnerio (Nu-Sol) e Carmen Junqueira (PUC-SP); às 20h, o debate tratará de biopolítica e segurança, com Laymert Garcia dos Santos (Unicamp), Marcos Cesar Alvarez (USP), Peter Pál Pelbart (PUC-SP) e Thiago Rodrigues (Nu-Sol/UFF). No dia 11, por fim, os debates serão sobre resiliências e resistências, com Acácio Augusto (Nu-Sol/PUC-SP), Christian Ferrer (Universidade de Buenos Aires), Maria Cristina

Franco Ferraz (UFF) e Salete Oliveira (Nu-Sol/PUC-SP), às 17h, e sobre regulações e ecológica, com Alfredo Veiga-Neto (UFRGS), Edson Passetti (Nu-Sol/PUC-SP), Guilherme Castelo Branco (UFRJ) e José Maria Carvalho Ferreira (Universidade Técnica de Lisboa). As inscrições são gratuitas e podem ser feitas no site www.pucsp.br/ecopolitica. Todos os eventos serão transmitidos pela TV PUC no site www.tvpuc.com.br.

Aula conjunta discute comunicação social

Os professores Rodrigo Priolli, da Faculdade de Direito, e Hamilton Octavio de Souza, do departamento de Jornalismo e editor da revista *Caros Amigos*, realizam aula conjunta no dia 3/10, quarta-feira, com o tema "O sistema de Comunicação Social, a concentração da mídia

e a luta pela democratização". O debate questionará se é possível garantir os direitos da cidadania sem um sistema democrático de comunicação e será realizado às 10h, no auditório 117-A, do Prédio Novo. Não é necessário fazer inscrição para participar do debate.

Fundação Aniela convida para missa

A Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg, que incentiva o estudo e pesquisa discente da PUC-SP, convida para a missa anual comemorativa do aniversário de seus fundadores. A celebração acontece no dia 3/10, às 12h, na Capela da PUC-SP.

Videoteca realiza nova exposição

Até o dia 27/10, a Videoteca da PUC-SP expõe no saguão da Biblioteca Nadir Kfourri, no campus Monte Alegre, fotos de Pahe Bleasby que retratam algumas das igrejas mais bonitas da América Latina, baseadas em pesquisa que percorreu mais de 25 mil km do continente sul-americano. O fotógrafo também lançará seu livro "Igrejas da América", em parceria com Karen Moraes, onde conta as histórias das igrejas retratadas. A exposição será transferida para o campus Barueri no dia 3/11, onde ficará até o dia 1/12. Enquanto não recebe as fotos de Bleasby, Barueri conta com a exposição de obras de Marlene Crespo, que tem como tema "O Grafismo e a sua Materialidade", e poderá ser vista até o dia 27/10.